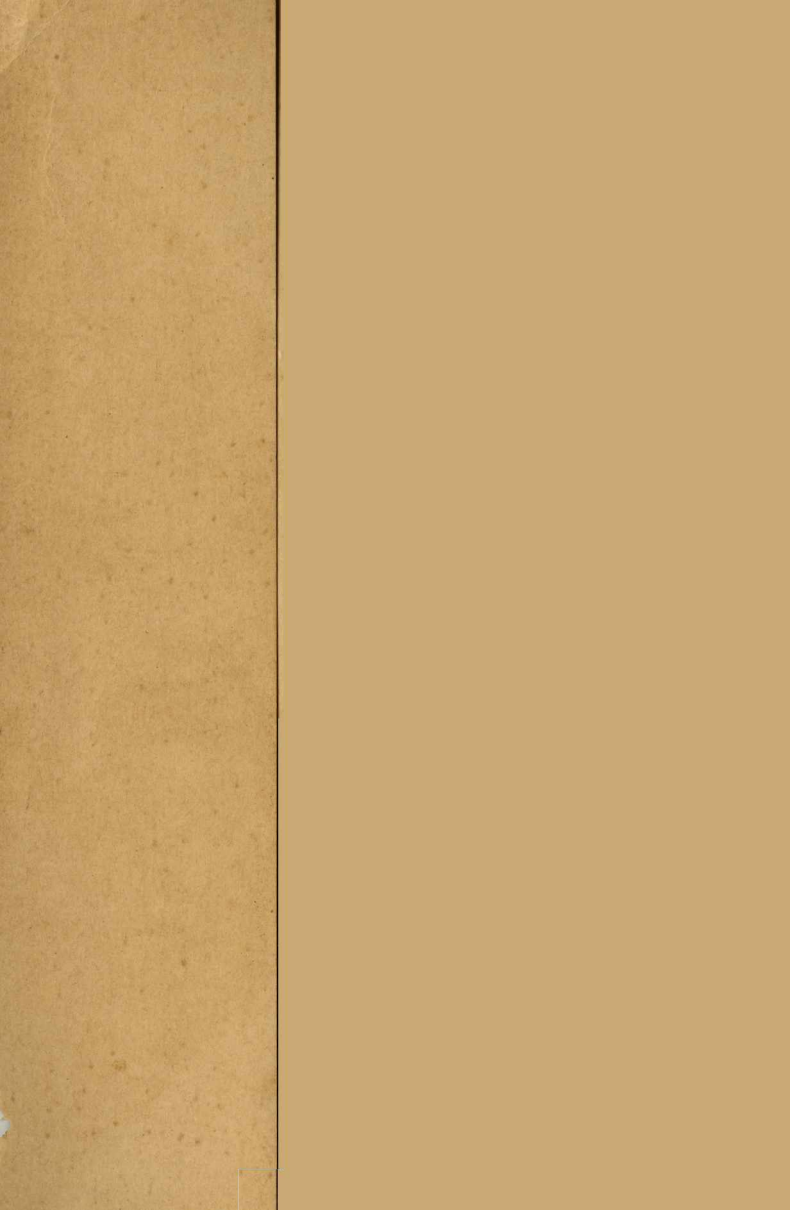


Padre J. Cabral

A
Perola
Oculto



PETROPOLIS
— EDITORA "VOZES" —
ESTADO DO RIO



EV2603854/66 0-4

A PEROLA OCULTA

Livros do Revmo. Padre J. Cabral

“No terreno dos principios . . .” — 2a. edição

“Conceitos e Factos”

“Lutas da mocidade” — 2a. edição

“Nas linhas de frente”

“A Limitação da Natalidade”. (Opusculo)

“A Miragem Sovietica” — 1933

“Jesus Cristo — Rei dos reis” — 1934

“Imitação de Cristo” — Tradução do original latino

Em preparo:

“Espírito e Vida”

“A Questão Judaica”



Padre J. CABRAL

A PEROLA OCULTA

VIDA DA BEMAVENTURADA MADRE
BEATRIZ DA SILVA E MENEZES

Fundadora da Ordem da Imaculada
Conceição da Mãe de Deus



Editora "Vozes" — Petropolis, E. do Rio

Nihil obstat — Petropoli, die 13
Octobris MCMXXXVI — fr. Fri-
dericus Vier, O. F. M. — Censor.

Imprimatur — Por comissão es-
pecial do exmo. e revmo. sr.
bispo de Niteroi, D. José Pereira
Alves. — Petrópolis, 4 de maio
de 1937. — Frei Osvaldo Schlen-
ger, O. F. M.

Ad usum

D. R. de R. de R. de R.

1937

Aos pés da Imaculada Conceição da sempre Virgem Maria depomos estas páginas humildes e singelas da vida da Beata Beatriz, cuja existencia terrena foi toda consagrada á exaltação do mais sublime dos privilegios da Mãe de Deus.

PROTESTAÇÃO DO AUTOR

Submetemos, sem nenhuma restrição, ao justo juizo da Santa Igreja tudo quanto escrevemos acerca da vida admiravel, das virtudes heroicas e dos acontecimentos extraordinarios relatados neste livro sobre a Bem-aventurada Madre Beatriz da Silva e Menezes.

DUAS PALAVRAS

Com peculiar agrado acolhemos a solicitação, que nos foi feita, para que escrevessemos um breve resumo da miraculosa e admiravel vida da Bem-aventurada Madre Beatriz da Silva e Menezes, fundadora da Ordem da Imaculada Conceição da Virgem Mãe de Deus.

A vida dos santos e a biografia dos servos do Senhor constituem fonte de ensinamentos praticos da perfeição cristã e são indices seguros da trilha reta que nos leva ao céu. Na historia dessas vidas, consagradas á gloria e ao serviço de Deus, encontramos o traçado que devemos seguir, em tudo que diz respeito aos negocios da nossa eterna salvação. Aí encontramos a interpretação e a aplicação das regras ascéticas, de acordo com as condições de vida peculiares a cada estado.

As narrativas da existencia terrena dos servos e amigos de Nosso Senhor satisfazem, a um só tempo, ao coração e á inteligencia. A' inteligencia, porque nos elevam

acima da ordem material e dos cuidados temporais, alçando nosso espirito e nossa mente aos ideais superiores da vida. Não menor é a influencia que esse genero de leitura exerce sobre nossa vontade, que, sustentada pela graça, se sente, irresistivelmente, arrastada á pratica das virtudes heroicas, de que as grandes almas nos deixaram o exemplo. Hoje, como nos tempos de antanho, observa-se que as palavras movem e abalam, mas só os exemplos arrastam e forçam a imitação. *Verba movent, exempla trahunt.*

Foram esses os pensamentos que nos acudiram ao cerebro, quando iniciamos esta breve narração da vida terrena daquela que se chamou Beatriz da Silva e Menezes.

Há uma circumstancia peculiar e que merece especial atenção na vida desta alma privilegiada da graça: as tres fases da sua existencia, no remanso do lar, nos faustos da côrte e na solidão do claustro, estão de tal modo encadeadas que bem podemos afirmar que a Bem-aventurada Beatriz oferece exemplos de virtude e de perfeição a todos os estados de vida e a todas as classes sociais, pois, em todos os periodos de sua passagem sobre a terra soube procurar, acima de tudo, o reino de Deus. De modo particular, esta admiravel vida constitue um exemplo de combate ao sensualismo, que,

em nossos dias, parece querer afogar a sociedade moderna e crestar todas as flores de virtude e de meritos sobrenaturais.

E', pois, com sumo prazer, que trabalhamos em prol da divulgação, em nosso meio, da historia dessa grande heroina, que é gloria da religião catolica e honra do povo lusitano.

De modo particular oferecemos estas modestas e despretenciosas paginas ás senhoras e donzelas cristãs, confiando que a graça divina suscitará numerosas e entusiastas imitadoras da Bem-aventurada Madre Beatriz.

Rio, festa da Beata Beatriz, 18 de agosto de 1936.

I

Bemaventurada Madre Beatriz da Silva

A vida da Bem-aventurada Madre Beatriz da Silva e Menezes, fundadora da Ordem da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, constitue um exemplo da pratica das virtudes cristãs e da observancia dos conselhos evangelicos e encerra tocantes ensinamentos do quanto pode a graça divina, quando encontra um coração bem disposto e uma alma docil ás inspirações celestes.

Madre Beatriz é uma dessas grandes heroínas do cristianismo, que excederam o tipo da *mulher forte*, cuja fisionomia moral se encontra gravada, em caracteres indeleveis, nas sagradas letras. Tinha voltados para Deus os anelos de sua alma e as aspirações de seu coração e, por isso, *não foi enganada nem confundida em suas esperanças*.

A palavra esperança resume, por assim dizer, a vida humana e quasi encerra a ra-

zão de ser da nossa existencia terrena. O viver torna-se como insuportavel, quando não mais se tem algo a esperar na vida e quando nenhuma luz ilumina as veredas da alma. Daí tantos espiritos fracos, que, batidos pelos reveses da sorte, se lançam no desespero e se perdem, irremediavelmente, para o tempo e para a eternidade. E' que nesses corações já não há mais esperanças. . .

Em tudo, neste mundo, há do falso e do verdadeiro; há o puro ouro de lei, há as pedras preciosas; tambem o ouropel fulgurante e as joias falsas, que deslumbram os simples e os ignorantes.

Há, pois, esperanças e esperança; esperanças falsas e enganosas, esperança verdadeira e segura. Há a esperança do mundo falaz e mentiroso; há a esperança do céu e da vida eterna, que não engana e não falha.

A esperança do mundo define-se, na sentença de um filosofo antigo, como o *sonho dos que velam* — *Somnium vigilantium*. — Esta enganosa esperança mira as honras da terra, os postos de comando, as dignidades do mundo, as delicias da sociedade, os prazeres dos sentidos. Mas, em meio dos passatempos e dos regalos, chega a morte, como salteador implacavel, e põe termo

às vaidades e às loucuras desta existencia transitoria e precaria.

E ao cabo de tudo, o homem sente o vazio do seu coração e compreende, tardiamente, que levou sua existencia a sonhar acordado... São assim as esperanças mundanas.

A verdadeira esperança, a sobrenatural e celeste, põe seu fito em Deus e na vida eterna.

Segue á risca o conselho do real profeta, porque sabe que *“é melhor confiar em Deus do que esperar nos homens”*.

Foi essa especie de esperança que sustentou o animo resoluto e inquebrantavel de Madre Beatriz e a levou a renunciar as vantagens materiais e as esperanças mundanas, com que lhe acenavam a nobreza do seu sangue, a fortuna de sua familia, os dotes do espirito e a beleza fisica. A tudo isso sacrificou de boa mente e com intima satisfação, porque seu espirito estava voltado para Deus e para a vida eterna.

Privilegiada da graça divina, desde os albores de sua existencia, poderia ela dizer, como uma santa martir dos primeiros tempos do cristianismo, que consagrara ao Criador o seu corpo e sua alma, votando-se inteiramente a Jesus Cristo. O purissimo amor de Deus foi o sustentaculo de sua alma e a fonte perene de onde hauriu for-

ças e energias sem conta para vencer todos os obstáculos, que se lhe apresentaram, no caminho traçado pela Divina Providencia.

A gloria de Deus, a honra de Maria Santissima, o bem das almas, a propria santificação foram as aspirações constantes de Madre Beatriz e o alvo para o qual ela voltava suas vistas, durante os anos de sua peregrinação terrestre.

Dizia o grande Doutor da Igreja Santo Agostinho que o coração humano, criado por Deus e para Deus, não descansa nem se tranquiliza senão quando em Deus repousa.

Ao passo que os mundanos e terrenos desejos encham de cuidados e de apreensões as almas, que se voltam para as coisas temporais, os corações retos e bem formados desprezam as vaidades desta vida e colocam em Deus todos os seus afetos e todas as suas aspirações. Pouco se lhes dá do sacrificio dos bens materiais, da perda da propria fortuna, do afastamento da familia, dos trabalhos e das penitencias corporais, uma vez que, á custa de todas as renunciadas da vida temporal, conquistem o reino da gloria e entrem na posse da herança eterna, que Jesus Cristo conquistou para os seus eleitos.

E' isso o que se verifica na vida admiravel da Bem-aventurada Madre Beatriz, que

soube suportar o exilio, as perseguições e injustiças; entregou-se a um genero de vida austero e contrario ao materialismo pratico, dominante em nossos dias; dedicou-se á observancia dos conselhos evangelicos: pobreza voluntaria, obediencia inteira e castidade perpetua, em meio de trabalhos continuos, penitencias ininterruptas e doenças graves — tudo isso animado e vivificado pelo mais puro e ardente amor de Deus.

Longe do bulicio do mundo e da agitação da côrte, nossa bem-aventurada Madre empregou o melhor do seu tempo no exercicio da oração, na pratica das mortificações, na observancia do silencio e na contemplação das coisas divinas. E desse modo plenificou, sobrenaturalmente, sua existencia terrena, entesourando *riquezas celestes que a ferrugem não consegue destruir e que os ladrões não podem roubar*, conforme nos assegura Nosso Senhor Jesus Cristo, em seu santo Evangelho.

II

Patria e familia da Bem-aventurada Beatriz

O seculo XV foi um dos maiores da historia, quer o considerando sob o ponto de vista ecclesiastico, quer o contemplemos sob o aspeto social e politico.

Foi nesse lapso de tempo que subiram ao trono de são Pedro grandes pontifices, como Martinho V, Eugenio IV, Nicolau V, Calixto III, Pio II, Sixto IV, Inocencio VIII e Alexandre VI, que mantiveram em suas mãos os destinos espirituais da cristandade. Floresceram tambem nessa epoca as virtudes cristãs e a Igreja apresentou numerosos exemplares da perfeição evangelica, entre os quais podemos enumerar os grandes santos, que então viveram: Santa Joana d'Arc, são Vicente Ferrer, são João de s. Facundo, são Diogo de Alcalá, santa Francisca Romana, santo Antonino de Florença, são Lourenço Justiniano, são Bernardino de Sena e são João de Capistrano.

Igualmente, nesse seculo, a Ordem Franciscana parece cobrar novas forças e novo incremento, que se traduziram em obras de zelo pela gloria de Deus e bem das almas cristãs.

A península iberica registou então contendas dinasticas, a pratica exaggerada dos principios cavalheirescos, a sêde do luxo e das honras, o amor dos faustos e das ostentações, que não raro arruinavam os nobres e até mesmo os plebeus abastados.

Em uma época tão pouco propria á pratica da virtude e dos exercicios da penitencia e da mortificação cristã, veio ao mundo a Bem-aventurada Madre Beatriz da Silva e Menezes, rebento de uma das mais nobres, ricas e influentes familias de Portugal.

Nasceu no ano de 1424, na vila de Campo Maior, da diocese de Elvas. Foram seus pais Rui Gomes da Silva e Menezes, senhor e governador de Campo Maior, e D. Isabel de Menezes. Esse lar cristão foi enriquecido por Deus com uma descendencia de onze filhos, dos quais alguns se ligaram em matrimônio a outras nobres estirpes lusitanas e dois iluminaram a Igreja de Deus com o esplendor de suas virtudes: o Beato Amadeu, religioso da Ordem Franciscana, e a Beata Beatriz, fundadora das religiosas conceptionistas.

Oriunda de familia profundamente piedosa, recebeu no lar paterno os exemplos da virtude e os ensinamentos do bem, começando desde cedo a cultivar os dotes de coração e de espirito com que Deus a privilegiara. Era formosissima, prudente, afavel e modesta; acima das prendas fisicas, distinguia-se nela entranhada devoção e filial afeto á Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Ao mesmo tempo que crescia em idade, aumentava em virtude e na perfeição com que procurava fazer todas as ações de sua vida. Desde os mais tenros anos de idade começou a dar mostras inequivocas e manifestas do que seria mais tarde a sua admiravel vida.

Os piedosos progenitores de Beatriz, não satisfeitos com ministrar aos filhos os bons exemplos e ensinar-lhes os rudimentos da fé cristã, confiaram a educação de sua prole aos religiosos franciscanos, que corresponderam, plenamente, aos intuitos dos chefes da illustre casa dos Menezes.

Podemos afirmar, sem receio algum de contestação, que a infancia e a juventude da B. Madre Beatriz decorreram na pureza e na inocencia, fundamento solido de uma longa existencia plena de virtudes e rematada por feliz e placido transito, em avancada idade.

III

Nas pompas da côrte

Sucedeu então um fato que teve grande influencia sobre a vida de Madre Beatriz e lhe transformou, por completo, o tranquillo cenario, em que se desenrolava sua existencia.

D. João II, rei de Castela, estando viuvo da rainha D. Maria de Aragão, pretendeu casar-se com uma infanta de Portugal, D. Isabel, que foi mãe da rainha Isabel, a Católica, esposa do rei D. Fernando, que conquistou Granada aos mouros.

A infanta D. Isabel, ao partir para sua nova patria adotiva, levou consigo a Beatriz da Silva, na qualidade de dama de honor. E' que a nova soberana de Castela bem conhecia a compostura e as virtudes daquela que a deveria assistir na vida agitada da côrte.

Beatriz, que bem comprehendia que a nossa verdadeira patria é o céu e que, na terra, somos sempre viajores e peregrinos da

Jerusalém celeste, não trepidou em abandonar o solar dos seus maiores e dizer adeus aos pais, irmãos e demais parentes. Trocou o remanso do lar pelas agitações da côrte e pelas intrigas da vida palaciana. Serena e tranquila, avançou para a existência turbilhonante dos paços regios, certa de que a assistencia divina não a abandonaria, conservava os olhos fechados ás vaidades do seculo e dedicava sua atenção, unicamente, ás manifestações interiores da graça sobrenatural.

Voltada para Deus, que ela amava acima de tudo, simples e docil para com a Mãe do céu, Beatriz irradiou, no novo meio, o mesmo encanto puro e virginal, que fizera a delicia dos que a conheceram e com ela conviveram durante os anos passados em Campo Maior.

A sua beleza peregrina causou sensação e marcou época, em Tordesilhas, ou onde quer que a côrte se instalasse.

Mui depressa os olhares e os corações dos grandes senhores e dos cortesãos se volveram para a formosura de Beatriz. Alguns mais entusiastas e mais audazes lhe ofereceram a mão, apresentando as vantagens materiais das alianças principescas. Nenhum dos pretendentes conseguiu levar vantagens na conquista daquele coração, que, de há muito, se votara a Deus. Nem

mesmo a intervenção da rainha, propondo-lhe alianças, demoveu Beatriz de seus santos propositos.

As pompas da côrte, os galanteios dos fidalgos e as festas ruidosas não foram bastantes para arrancar a Beatriz a modestia cristã e o recolhimento do espirito, de que ela sempre dera exemplo em todo o curso de sua vida.

Contava então 23 anos de idade.

IV

A bela prisioneira

Na côrte de Tordesilhas, era Beatriz o alvo predileto das atenções gerais e, embora ela não dêsse motivos, houve rixas sangrentas e dissensões interminas entre aqueles que lhe disputavam o coração e a pretendiam para esposa.

O proprio rei D. João II testemunhou depositar nela absoluta confiança e a distinguia entre as demais damas de honor da rainha Isabel, e esta, que era neurastênica e ciumenta, deixou converter-se em odio figadal a afeição e amizade que, até então, votava á filha dos senhores de Campo Maior.

Dominada pela inveja, concebeu um plano verdadeiramente infernal, e não tardou em o pôr em execução, afim de tirar a vida a quem lhe fazia sombra nos paços reais.

Havendo preparado tudo para realizar seus tragicos designios, a rainha, certa noite, mandou á sua dama de honor que a

acompanhasse e, quando se aproximaram de um grande cofre, que mais parecia um caixão mortuario, ordenou a Beatriz que nele penetrasse. Debalde a serva de Deus procurou resistir, protestando sua completa innocencia a respeito das intrigas e das discordias da côrte, não era, pois, e nem podia ser responsavel pelos gestos e pelas açõs alheias, que não podia impedir.

Finalmente, a vitima innocente compreendeu a improficuidade de suas excusas e, ante a inflexibilidade da rainha, determinou-se a obedecer, embora soubesse que isso lhe custaria a propria vida. Entregou-se ao Divino Esposo das almas puras e abandonou-se ás mãos da Providencia, que rege os destinos das criaturas.

“Deus, escreve um dos biografos de Beatriz da Silva, que tinha em vista a fundação da Ordem da Imaculada Conceição, inspirou-lhe a caridade heroica de não pedir socorro, aceitando aquella morte infamante, para que não viesse a ser conhecida a deshumanidade da rainha e assim salvar sem descredito a reputação da soberana”.

Não sabemos, nesse passo, o que mais admirar — si a caridade heroica de quem se entregava á morte cruel e injusta, para salvar o nome de seu algoz — si a confiança absoluta e a perfeita entrega de si mesma aos decretos eternos e aos insonda-

veis designios do Onipotente. Ambas estas virtudes Beatriz as praticou até ao heroísmo, nesse transe supremo de sua vida.

Realizado o tenebroso plano, a rainha recolheu-se aos seus aposentos, deixando a inocente donzela encerrada no cofre, sem ar, sem luz e sem alimento.

Quais tenham sido os sentimentos da pobre vitima, no silencio sepulcral do seu horrendo cárcere, bem o podemos avaliar. Abandonada pelas criaturas, já sem esperança alguma da terra, voltou-se, confiadamente, para Deus, esperando que dos céus lhe viesse a salvação. Na contemplação espiritual e na memória da sagrada paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo e das dôres de Maria Santissima encontrou a força sobrenatural e o alento supremo para resistir a uma prova muito superior ás forças humanas. Invocou, com a mais fervorosa das preces e a mais filial confiança, a Imaculada Conceição, a cuja honra e gloria consagrara a propria existencia; na hora angustiosa, em que a malicia das criaturas procurava cobrir de infamia o seu nome, Beatriz se colocou debaixo da égide protetora da Virgem Santissima e formulou o voto de honrar com a guarda da castidade perpetua o misterio da Conceição Imaculada da Mãe do Senhor, si conseguisse escapar,

ilesa, das garras dos que, injustamente, a perseguiram.

A inclita soberana dos céus e da terra, Mãe de Deus e dos homens, não faltaria a quem tanto confiava e esperava de sua maternal proteção.

V

Suave milagre

Em meio das horrosas trevas de seu sepulcro de viva, quando nos olhos já se lhe estancava as fontes das lagrimas, Beatriz sentiu, no tetrico ambiente em que se achava, algo de angelico, um que de sobrenatural. . .

Seria o anjo da morte, que vinha cortar-lhe o tenue fio da existencia? Não. A morte não podia ser precedida de semelhante cortejo de luz e de esplendor. Era a Mãe de misericordia, a Rainha dos anjos, que vinha confortar e sustentar o coração opresso e angustiado de sua fiel serva. Vinha libertá-la e livrá-la do perigo mortal, a que a lançara a perfidia das criaturas humanas, incitadas ao crime pelo inimigo das almas. Vinha trazer-lhe os carinhos do Esposo Divino, que, quando fere, é para curar, quando mata, é para restituir á vida e a transformar em melhor e mais venturosa.

Impenetráveis os designios da Providencia, que confunde os pensamentos humanos e sabe tirar o maior bem do maior mal.

Aquele cofre, que deveria ser o tumulo de Beatriz, transformou-se em verdadeiro Tabor, onde Maria Virgem fez refulgir a sua gloria e demonstrar o seu poder.

A Mãe de Deus sorriu, ternamente, para a sua filha atribulada, e este sorriso, que demonstrava generoso acolhimento, restituiu a paz de espirito áquela que jazia entregue ao mais clamoroso abandono. Foi revelado á jovem cativa o destino grandioso, que a Providencia lhe reservara e esta revelação a inundou de celestiais consolações. A visão celeste, que trajava de branco e ostentava um lindo manto azul, lhe prognosticou que seria ela, um dia, a fundadora de uma nova Ordem, destinada a cultuar e honrar, na Igreja de Deus, o privilegio da Conceição Imaculada de Maria.

Soror Catarina de Santo Antonio assim descreve este acontecimento admiravel:

“Logo que a serva de Deus viu a sempre Virgem Maria junto a si, com o seu querido Filho nos braços, e que lhe falava e consolava de todas as suas angustias, estas se transformaram em jubilo e alegria e dava graças sem cessar á Majestade Divina, que, com tanta prontidão, a favorecia e consolava, quando estava tão destituída

de humanos favores e posta nos braços da morte. E do mesmo modo que esta Senhora, com o favor de seu Divino Filho, tudo avasala e domina, venceu a morte e lhe arrancou as armas, pondo-a fóra de combate. E a Virgem Mãe, que trazia consigo o doador e conservador da vida, conservou, milagrosamente, a existencia desta donzela, a qual, agradecida, fez o voto de guardar castidade todo o tempo de sua vida, e a Majestade Divina, em troca, lhe prometeu a realização de seus piedosos desejos e que faria alguma coisa de grande em honra da Imaculada Conceição, isto é, que fundaria uma Ordem religiosa sob este titulo e que as religiosas deste novo instituto haviam de vestir um habito como o que trazia, todo branco, e um manto de côr azul celeste, querendo assim dar a entender por aquelas côres que, vivendo na terra, não só no intimo, mas tambem no exterior, haviam (as religiosas) de assemelhar-se á Patria celeste, em virtudes e em exemplos”.

Podemos crer, piamente, que muitos colloquios e entretenimentos se hajam travado entre a Mãe do céu e a sua fiel e devotada serva, durante o tempo daquelle cativoiro.

O desaparecimento de Beatriz causara verdadeiro espanto e desassossego na côrte e mensageiros foram logo enviados para

as provincias e expedidas ordens terminantes para que Beatriz, a dama de honor, fosse reconduzida ao palacio real, viva ou morta. Mas ninguem se atrevia a falar, francamente, sobre o estranho caso, pois todos temiam incorrer no desagrado da rainha D. Isabel.

Sómente D. João de Menezes, tio da ser-va de Deus, que, por ser nobre e aparentado da familia real, viera para a Espanha e ficara ao serviço do rei D. João II, acercou-se da soberana e perguntou-lhe pela sua sobrinha, D. Beatriz, que havia desaparecido. D. Isabel, ou premedida pela dificuldade de explicar o singular afastamento de sua dama de honor ou perturbada pelos remorsos da consciência, conduziu o conde D. João de Menezes ao lugar onde Beatriz fora encerrada e onde devia jazer inanime, pois seria impossivel resistir aos horrores daquela prisão, durante três dias e três noites, sem luz, sem ar, sem alimentos...

A propria rainha abriu o cofre, na certeza de lá encontrar um cadaver cercado das sombras da morte; mas, muito ao contrario, Beatriz apresentou-se cheia de vida, em pleno frescor da mocidade e revestida de traços sobrenaturais a radiosa beleza de seu fisico. O prodigio era patente e todos proclamaram a intervenção divina que sustentara a vítima inocente e confun-

dira, de modo maravilhoso, os insensatos juízos das criaturas.

A rainha, que a principio não podia dar credito ao que presenciava, rendeu-se á evidencia dos fatos, convenceu-se da innocencia de sua dama de honor e arrependeu-se de haver procedido tão injustamente com quem fôra, de modo tão singular, favorecida por Deus. Tomada de tais sentimentos e receosa de futuras complicações, a soberana concedeu a Beatriz licença e liberdade para ir viver onde e como lhe aprouvesse.

Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia e Jesus Cristo durante igual tempo conheceu as trevas do sepulcro, assim tambem a Bem-aventurada Madre Beatriz experimentou a solidão do tumulo pelo espaço de três dias e três noites.

VI

Adeus ao mundo

Ardendo em desejos de cumprir o mais cedo possível o que havia prometido a Deus e receando novos assaltos da parte do infernal inimigo, Beatriz determinou enclausurar-se no convento de S. Domingos El Real, de Toledo, onde melhor se prepararia para realizar o que lhe fôra predito. Para se tornar mais agradável ao seu Deus e Senhor, tomou a resolução de apartar-se do mundo, renunciar aos bens temporais, recolher-se á solidão e ao silencio, afim de melhor orar e praticar todas as virtudes.

Animada dos mais santos propositos e amparada na fortaleza de seu coração generoso, deixou Tordesilhas, fugindo ao mundo enganador, que promete venturas, mas só tem mentiras e falsos bens, que não contentam as almas grandes e nobres.

Acompanhada apenas de duas criadas, ia a serva de Deus perlustrando as estradas de Castela, quando, ao passar por um

monte, viu que saiam detrás dele dois religiosos franciscanos.

A aparição inesperada desses dois filhos de s. Francisco causou ligeira perturbação a Beatriz, que, ao vê-los, pensou que a rainha, já arrependida de lhe haver concedido a vida e liberdade, tivesse resolvido mandar matá-la e mandasse os religiosos para ouvi-la em confissão. Não é de admirar que tais pensamentos viessem a quem passara por tantas tribulações e conhecia tão bem as intrigas da côrte.

Tranquilizou-se, porém, dentro em breve, quando um dos frades menores aproximou-se dela e dirigiu-lhe a palavra em lingua portuguesa, perguntando-lhe pela causa da aflicção que se estampava em seu semblante. Respondeu a serva de Deus, manifestando os sentimentos e temores que lhe iam na alma. O religioso retorquiu, com toda brandura e caridade, que nada temesse, porque eles não eram mensageiros de morte, mas, ao contrario, vinham consolá-la e trazer-lhe a feliz nova de que haveria de ser uma das mais illustres senhoras das Espanhas e que as suas numerosas filhas seriam conhecidas em toda a cristandade. A serva de Deus, ocultando, por humildade, a promessa recebida da Mãe de Deus, respondeu que era donzela e fizera voto de castidade perpetua ao Esposo ce-

lestial, e que, mesmo que um imperador a pedisse em casamento, não se afastaria do seu proposito. Os religiosos, porém, replicaram que se cumpriria o que eles acabavam de dizer: *vossas filhas serão tais que por sua fama crescerá a vossa, e se dilatará até aos confins da terra*. Estas palavras profeticas annunciavam a futura criação de uma nova Ordem religiosa.

Beatriz, que se entretinha a conversar com os dois religiosos, mandou o seu mordomo adiante, afim de providenciar para todos uma boa refeição, em um albergue, que havia no caminho. Ao chegar ao dito ponto, desapareceram ambos os franciscanos, sem que deixassem de si o menor vestigio.

Surpreendida com mais este acontecimento extraordinario, a serva de Deus sentiu-se, espiritualmente, muito confortada pelo favor celeste recebido, crendo que os dois religiosos eram s. Francisco de Assis e santo Antonio de Padua, dos quais era ela fervorosa e constante devota, desde a sua meninice.

VII

A' sombra do claustro

Confortada espiritualmente, e cada vez mais firme em seus propositos, Beatriz prosseguiu, resoluta e tranquila, a viagem para Toledo, onde iria ofertar, em holocausto a Maria Santissima, tudo o que possuía: a beleza, a fortuna, a alta posição social e a virgindade, consagrando-se por toda a vida ao serviço e á gloria da Mãe de Deus.

Apenas chegou á cidade de Toledo, sem demora, dirigiu-se ao velho convento de s. Domingos, que escolhera para sua residencia, até que soasse a hora de pôr mãos á grande obra, que, por disposição providencial, devia realizar para honrar a Imaculada Conceição da Virgem Maria.

De suas disposições interiores e da generosa dadiva, que de si mesma fizera ao Senhor, não tardou em dar as mais terminantes provas, pois despojou-se, voluntariamente, de tudo quanto parecia vaidades do mundo, joias e adereços, contentando-se

com vestir pobre e modestamente, conservando apenas duas criadas para o seu serviço particular.

Conhecendo também a formosura com que Deus a exornara e desejando consagra-la, inteira e perpetuamente, ao seu Criador, colocou um véu branco sobre o rosto, afim de que ninguém jamais a visse, exceto a serva que a penteava e a rainha Isabel, a catolica, quando ia visitá-la no mosteiro.

No recolhimento claustral, procurou em Deus a paz do espirito, longe das perturbações e vaidades do seculo. Este dom precioso da paz ela a procurava em longas horas de oração, na qual encontrava a abundancia das divinas consolações.

Embora não houvesse tomado o habito da Ordem de s. Domingos, Beatriz portou-se como verdadeira religiosa, fiel á regra e observante das constituições, durante mais de trinta anos, que aí passou, á espera de que chegasse a hora de Deus. Obedecia ás superiores como se ela mesma fosse a menor das irmãs leigas; comparecia ao côro, por ocasião das horas canonicas; guardava perfeito silencio, conformando-se, em tudo, com o regulamento e o horario da casa; demonstrava particular amor á humildade, virtude que praticou sempre, durante toda sua existencia e á qual juntava o desprezo de si propria, evi-

tando falar de suas virtudes e ocultando tudo que lhe pudesse trazer estima e louvor. Além desses sinais exteriores de piedade, entregava-se á pratica de rigorosas penitencias, duras mortificações e continuas disciplinas, macerando seu corpo e procurando imitar Jesus crucificado. A todas essas praticas devotas aliava uma terna caridade para com o proximo, consolava as enfermas e a todas acudia, dispensando carinhos maternos a cada uma das religiosas; vencia suas proprias necessidades, para acudir ás alheias, esquecendo-se de si, quando se tratava de fazer bem a qualquer pessoa. Lembrada de que o Divino Mestre tanto recomendava o abandono das riquezas, empregava seus parcos rendimentos em obras de caridade para com os necessitados e despendia não pouco com o convento onde se achava e onde fez ornar um claustro e a sala do capitulo, no qual pôs suas armas, que eram as mesmas que as dos reis de Portugal.

Austera para comsigo, era afavel e benigna para com o proximo, conforme nos manda e prescreve a verdadeira caridade evangelica.

Nestas e noutras boas obras e na oração fervorosa e constante, passou Beatriz longos anos, á espera tranquila de que Deus a chamasse a outros cuidados.

Acredita-se que, durante todo esse tempo, tenha gozado de muitos favores celestes, de graças extraordinarias e de comunicações sobrenaturais, embora ela, por modestia e humildade, não tenha deixado nenhuma declaração a esse respeito. E' tido como certo que, talvez nas proximidades da fundação da Ordem, a Mãe de Deus apareceu á sua devota serva, dando-lhe a conhecer que era chegado o tempo de realizar a promessa feita por ocasião das horas angustiosas passadas no carcere, em Tordesilhas.

VIII

Sob a ação da graça

A piedade solida e verdadeira revela-se pelo amor a Deus Nosso Senhor. Sem esse sentimento, não há piedade sincera, apenas poderá haver sentimentalismo e falsa devoção, que não resistem ás provas da vida e aos sacrificios e renuncias, que, muitas vezes, devemos fazer, neste vale de lagrimas.

A bem-aventurada Beatriz tinha um verdadeiro e solido amor de Deus e por isso resistiu a todos os assaltos do infernal inimigo, triunfou das perseguições humanas e conseguiu realizar algo de grande e de duradouro no seio da Igreja.

Os biografos da serva de Deus atestam que ela, desde os anos de sua meninice, se mostrou devotissima da sagrada paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo e desta devoção salutar hauria forças e energias para sofrer todas as tribulações do espirito e todas as enfermidades do corpo e empre-

gar-se toda em amar a Deus e fazer bem ao proximo. Efetivamente, se considerarmos a vida terrena do Salvador, veremos que foram estes dois mandamentos — amor de Deus e do proximo — os que Jesus Cristo mais nos prescreveu e impôs, pela palavra e pelo exemplo. Disse o Divino Mestre: *“Quem me ama, guarda os meus mandamentos; e aos Apostolos disse mais: “Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos ame”*. E afirmou tambem que a lei do Pai Eterno se resumia em dois mandamentos de amor: a Deus e ao proximo.

Possuindo uma fé esclarecida e um coração generoso, não é de admirar que Beatriz tenha procurado pôr em pratica as virtudes evangelicas, sobrenaturalizando todos os seus atos, que eram animados e vivificados pelo mais puro amor de Deus. Certamente foi para imitar o silencio de Jesus Cristo, na sua paixão, que ela não pediu socorro, em altas vozes, quando a rainha, injustamente, a encerrou no cofre, no evidente intuito de arrancar-lhe a vida.

Em toda sua existencia, a Madre Beatriz foi grande e fervorosa devota do santissimo Sacramento, no qual a fé lhe fazia vêr o Deus escondido, que não se deixa vencer pela malicia e pela ingratidão dos homens. Podemos dizer que a vida desta serva de Deus foi uma comunhão espiritual conti-

nua e que, mesmo entregue ás occupações materiais, a sua alma se conservava sempre de joelhos aos pés do augusto tabernaculo do Senhor.

De sua filial devoção a Maria Santissima temos provas abundantes em sua vida, bastando lembrar que ela se esforçava por imitar e de fato imitou, quanto possivel, as virtudes excelsas da Mãe de Deus.

A piedade esclarecida cultua os santos e presta-lhes especiais homenagens, porque os considera como santuarios vivos da Santissima Trindade, que os encheu de graças e privilegios, como filhos adotivos e amados do Padre Eterno, irmãos de Jesus Cristo e incorporados no seu corpo mistico e templos e agentes doces do Espirito Santo.

Por isso, Madre Beatriz, durante sua vida mortal, alimentou fervorosa e constante devoção aos santos, invocando-os nas suas preces, celebrando-lhes as festividades e, particularmente, procurando imitar suas virtudes.

Sabemos que foi sempre devota do grande s. João Batista, o precursor do Messias e modelo de penitencia e mortificação, virtudes que ela procurou praticar, quer no seculo, quer na religião.

Votava grande devoção a sant'Ana e a imitava no servir e amar a bendita criatura, que foi escolhida para ser Mãe de Deus.

Mui particular foi o culto de veneração e de afeto que dedicou sempre ao serafico patriarca S. Francisco de Assis, fundador da Ordem dos Frades Menores, e que teve a dita de ver impressos em seu corpo os estigmas do Redentor do mundo. A' devoção a S. Francisco juntava o culto de Santo Antonio, a quem, frequentemente, invocava para lhe pedir auxilio e conselho. Era, igualmente, mui devota dos anjos e dos espiritos celestes, entre os quais distinguia de modo particular o arcanjo S. Rafael.

Em continua e fervorosa oração, em constantes praticas de piedade, no exercicio de rigorosas penitencias, em vigalias e jejuns passou Madre Beatriz os anos que viveu no mosteiro de São Domingos, aguardando, tranquila e confiante, que chegasse a hora feliz da realização da promessa feita por Maria Santissima.

IX

Vida ativa e contemplativa

Trinta anos de vida oculta levou Jesus; antes de aparecer ao mundo, de iniciar a pregação da *boa nova*, escolheu discipulos, formou apóstolos, e estabeleceu na terra o reino de Deus.

Não contente com este procedimento, que de si mesmo é tão significativo e vale por uma lição expressa, durante a sua vida publica, o Divino Mestre não deixou de insinuar aos seus seguidores a necessidade da oração, do recolhimento e da penitencia. Pela palavra e pelo exemplo, não cessou Jesus Cristo de exprimir a necessidade absoluta que a natureza humana tem das graças divinas, que devemos alcançar por meio da prece e da penitencia.

Vemos, no Evangelho, que o Salvador, depois das penosas jornadas através das estradas poeirentas da Palestina, passava noites inteiras em oração, entretendo-se em comunicações com o Pai Celeste. Convi-

dava os apóstolos a se recolherem com ele ao deserto, afim de repousarem todos um pouco... Censurou-os porque até então não rezavam e dignou-se de, em sua extrema bondade, ensinar-lhes o *Padre Nosso*, a mais bela, a mais perfeita e a mais completa das preces, que labios humanos podem pronunciar. Prometeu que as suplicas feitas em seu nome seriam atendidas e disse mais que era necessario orar e orar sempre... No horto das oliveiras, na agonia tremenda do Getsemani, deixou escapar aquelas palavras salutareis de advertencia: "*Vigiai e orai, para não caídes em tentação*".

"Os verdadeiros místicos, escreve um autor competente, são homens de senso pratico e de ação, não de raciocinio e teoria. Têm o espirito da organização, o dom do comando, e revelam-se muito bem dotados para os negocios. As obras, que fundam, oferecem condições de vida e duração; em conceber e dirigir as suas empresas, dão provas de prudencia e de arrojo, e dessa justa apreciação das possibilidades que caracteriza o bom senso. E de fato o bom senso parece ser a sua qualidade principal: um bom senso que não é perturbado por exaltação alguma doentia ou imaginação desordenada e a que anda junto um raro poder de penetração".

Estas palavras, que descrevem as qualidades dos verdadeiros místicos e das almas que seguem as inspirações da graça divina, respondem, perfeitamente, ás criticas e ás censuras dos inimigos da ascetica cristã.

A historia da Igreja e a biografia dos santos provam que a vida ativa e as obras exteriores podem e devem estar em harmonia com a vida contemplativa e as mortificações interiores.

Entre os santos encontramos numerosos exemplos de contemplação e de ação, de ciencia e de virtude. Para apontar somente alguns nomes, citaremos, de passagem: s. Clemente de Alexandria, santo Ambrosio, santo Agostinho, s. Gregorio, santo Anselmo, s. Bernardo, santo Alberto Magno, santo Tomás de Aquino, s. Boaventura, santa Teresa de Jesus, s. Francisco de Sales, s. Vicente de Paulo, além de muitos outros, cujos nomes omitimos por brevidade.

A Bem-aventurada Beatriz constitue mais um brilhante exemplo da união estreita da vida contemplativa com a realização de obras exteriores, duraveis e bem organizadas, de que encontramos tantos casos na agiografia.

A grande fundadora da Ordem da Imaculada Conceição era um espirito dado á oração e ás praticas de piedade, mas não lhe faltava o senso pratico para julgar das

coisas e o dom do comando para dirigir e governar as pessoas, dotes que revelou possuir em vida e que transmitiu á obra que fundou, como o atestam os seculos de existencia da mesma. E' que a fundadora, assistida pela graça sobrenatural, infundiu em suas filhas espirituais os sentimentos de que ella mesma estava penetrada. Constitue, pois, um modelo de plena actualidade para a epoca agitada em que vivemos.

X

A fundação da ordem

Quando chegou a hora determinada por Deus para a fundação da nova Ordem, Beatriz procurou entender-se com a rainha D. Isabel a Católica, a quem fez ciente de seus intuitos e propositos. Esta soberana, que tantas causas procurou em beneficio da Igreja, a ponto de merecer o titulo de católica, não negou seu concurso e sua proteção á obra nascente, antes a favoreceu e amparou material e moralmente. A rainha foi de parecer que Beatriz abandonasse o convento de s. Domingos, afim de melhor dispôr e preparar tudo para realizar a nova fundação.

A serva de Deus, que mais esperava e confiava no auxilio celeste do que na proteção dos poderes terrestres, depois de recorrer á oração para alcançar as graças e as iluminações sobrenaturais, decidiu-se a obedecer á rainha, que gozava da estima de Inocencio VIII, Pontifice Romano da-quele tempo.

Chegou, finalmente, a ocasião de deixar o claustro dominicano e dizer adeus áquella casa, na qual por mais de trinta e sete anos aguardara, no exercicio da oração e na pratica da penitencia, o chamamento do Senhor para iniciar a obra que a Providencia lhe prescrevera realizar neste mundo, para gloria de Deus, honra de Maria Santissima e bem das almas.

Resolveu, pois, abandonar aquele mosteiro e, como não tivesse casa propria a que se recolhesse, ella, que era pobre dos bens deste mundo, embora fosse rica dos dons celestes, teve que receber da rainha um predio, que servisse de berço á Ordem da Imaculada Conceição. A soberana da Espanha doou a Beatriz os Paços da Galiana, a velha casa da moeda, e uma igreja muito antiga, que havia ali perto, dedicada á virgem e martir Santa Fé.

No ano da graça de 1484 Beatriz transferiu-se para a nova residencia, acompanhada de doze jovens, que queriam abraçar o novo instituto e entre as quaes se encontrava uma sua sobrinha, D. Filipa de Silva, que foi a primeira abadessa da Ordem recém-fundada.

Uma vez instalada em Galiana, a serva de Deus tratou de fazer as necessarias adaptações, para transformar em mosteiro o antigo palacio. Em primeiro lugar, cuidou

da igreja, onde Deus se digna de habitar no tabernaculo de amor, onde as almas de fé viva encontram força e alento em meio das lutas da vida.

Em seguida, começou a dispôr os commodos interiores dessa verdadeira colmeia e espirital viveiro de almas consagradas a Deus.

Perfeita mãe e mestra, Beatriz mais ensinava com o exemplo e com as obras do que com palavras, assim nos assegura a já citada Soror Catarina de santo Antonio.

Aos pés do sacrario do Esposo das virgens, a serva de Deus hauria a fortaleza de animo necessaria para vencer todos os obstaculos que surgiam na realização dos seus piedosos intuitos e conseguiu triunfar de todos os assaltos do infernal inimigo e encheu sua existencia humana de virtudes sobrenaturais, de modo a tornar-se verdadeiro espelho de pureza, modestia e piedade, no qual se miraram, no correr dos tempos, suas inumeraveis filhas espirituais.

Apenas instalada no convento, adornada a igreja, ordenadas e dispostas as coisas mais necessarias, a fundadoura tratou da regra e do regime interno, que se devia observar, e solicitou do Papa Inocencio VIII, por intermedio da rainha Isabel, a necessaria approvação, pedindo mais que a Ordem

recebesse o titulo de Imaculada Conceição, com regra, officio e habito.

O Sumo Pontifice aprovou a Ordem, o habito e o officio, confirmando por uma bula a aprovação concedida, mas não aprovou a regra, determinando que, das anteriormente aprovadas pelos seus antecessores, se escolhesse a que parecesse mais conveniente e apropriada ao fins do novo instituto.

Foi isto no ano de 1489, conforme consta dos arquivos do Real Convento da Imaculada Conceição da cidade de Toledo, na **Espanha**.

A serva de Deus, embora desejasse ardentemente que sua Ordem tivesse regra e constituições proprias, como hoje as possui, soube sacrificar sua vontade e conformar-se com as determinações do pastor supremo da Igreja e escolheu a regra de Cister, por lhe parecer que era a que mais honras e mais obsequios tributava á Mãe de Deus.

Feita esta escolha, mandou pedir a aprovação do Sumo Pontifice e, enquanto aguardava a resposta, fez fervorosas e constantes preces para alcançar dos céus a mercê da bula e deixar por escrito tudo que dizia respeito á fundação.

A Bem-aventurada Madre, em seu intimo, preferia que sua Ordem fosse sujeita e filiada á de S. Francisco, de quem era

fervorosa devota e além disso ela mesma recebera dos franciscanos a formação espiritual; mas nisso, como em tudo mais, segundo deu sempre provas em toda a vida, sabia conformar-se com os designios do Senhor e abandonar-se, inteiramente, ás mãos da Providencia, sacrificando gostos e vontades.

Antes de concluir o presente capitulo, queremos chamar a atenção do leitor para algo de particular e de extraordinario, que se encontra na vida desta serva de Deus: o serviço assinalado que a Bem-aventurada Beatriz prestou á Mãe de Deus, dedicando uma instituição religiosa á honra e ao culto da Imaculada Conceição. Num tempo em que este admiravel e singular privilegio ainda não estava proclamado dogma de fé, a B. Beatriz excedeu todos aqueles que defendiam a Conceição Imaculada da Mãe de Deus. Enquanto os luminares da Igreja, por sermões e livros, procuravam exaltar e proclamar as grandezas da Virgem Mãe, a serva de Deus a todos ultrapassava em zelo e em esforços, pois os conventos da Ordem da Imaculada, em meio das nações catholicas, são outros tantos monumentos impeciveis, que proclamam ao mundo inteiro que a eleita para mãe do Verbo Eterno foi isenta da culpa original. E Deus, sempre admiravel em seus insondaveis juizos, es-

colheu uma fraca mulher, de rosto velado e falha dos recursos materiais, para realizar uma obra tão grandiosa e tão insigne qual seja a fundação de mais uma Ordem religiosa.

E Maria Santissima, Mãe de amor e de bondade, certamente não terá deixado de recompensar com toda generosidade e munificencia a dedicada e fiel serva, que tão assinalado serviço lhe prestou.

XI

Estranho mensageiro

Apenas seguiu para Roma o seu pedido de confirmação da regra escolhida e de outras coisas relativas á fundação da Ordem, Beatriz redobrou suas orações e preces, implorando dos céus despacho favoravel em negocio de tanta importancia.

Um dia, achava-se a serva de Deus na roda, tratando com o mordomo de alguns assuntos importantes do convento, quando alguém, que pela voz parecia ser homem, pergunta pela senhora D. Beatriz, e, sendo atendido, declara que é um mensageiro de Roma e vinha anunciar-lhe que as bulas de confirmação da Ordem estavam já concedidas e em vias de serem expedidas.

Grande foi o regozijo da piedosa madre ao receber noticia tão alviçareira e volta a procurar o mordomo do convento, que se havia afastado, e recomenda-lhe que hospede muito bem o mensageiro, portador dessa feliz informação.

Ao ouvir falar em mensageiro, o mordomo, que a ninguém vira chegar, declarou que não entendia do que se tratava, uma vez que ele não notara pessoa alguma que houvesse chegado.

Então a madre compreendeu que não podia ser criatura humana que lhe anunciara a boa nova da confirmação de sua Ordem e acreditou então que fosse o anjo s. Rafael, do qual, conforme já dissemos, era muito devota e se acostumara a invocá-lo desde que aprendera a Ave Maria.

A serva de Deus retirou-se então para a igreja e foi render fervorosas ações de graças ao Senhor, que acabava de lhe conceder semelhante beneficio. E diante da Eucharistia a sua alma se expandiu em louvores ao divino consolador das almas.

Mais tarde, volvendo ao seu aposento, anotou o dia e a hora em que lhe haviam dado a noticia e depois se verificou que fôra mesmo no tempo em que o Sumo Pontifice outorgou a bula, em Roma. Essa circumstancia veio confirmar a crença que foi anjo e não homem quem havia anunciado á madre Beatriz a confirmação da Ordem.

A's vezes, Deus se apraz em provar as criaturas, alegrando-as ou entristecendo-as, para que possam mostrar o grau de

conformidade e de resignação a que chegaram.

Assim é que vemos Deus ora encher de consolações esta sua fiel serva, ora a encher de sofrimentos e de amarguras. Em tudo madre Beatriz se mostrava perfeitamente identificada com a vontade divina, de modo que se conservava sempre calma e tranquila, fossem prosperos ou adversos os acontecimentos. De animo varonil e esclarecido pela fé, aceitava todas as coisas como vindas das mãos do Onipotente e em seu espirito dominava a convicção profunda de que o que Deus faz é bem feito e ordenado segundo o traçado da sabedoria infinita.

As almas que vivem da fé e olham para as coisas da terra com olhos sobrenaturais, sabem receber com santa indiferença os acontecimentos e as variações da vida, pois repousam na certeza de que a Providencia vela, soberanamente, sobre os destinos de todos e de cada um de nós. Desse numero era a Bem-aventurada Madre Beatriz.

Alguns dias depois daquele, em que o estranho mensageiro dera a feliz nova da confirmação da Ordem e subsequente expedição da bula, chegou um correio de Roma, trazendo uma noticia mui triste para quem, a cada hora, a esperava bem diversa: o navio portador dos despachos da côrte ro-

mana afundara e tudo desaparecera no naufragio, salvando-se apenas os passageiros.

Mais uma vez a Divina Majestade quis provar a constancia de sua serva, que sempre se achava preparada para receber todas as cruces e adversidades que a Providencia lhe mandasse.

Aos pés do tabernaculo, foi Beatriz desafogar o seu coração e neste asilo sagrado permaneceu três dias em fervorosa prece, derramando no Coração de Jesus as suas máguas e pedindo-lhe forças e consolo.

Uma oração tão constante e tão perfeita não podia deixar de ser atendida e de fato o foi.

XII

Maravilhoso encontro

Confortada e reanimada, sobrenaturalmente, pela oração, Madre Beatriz tratou de reassumir suas obrigações ordinarias e continuou a dispôr das coisas necessarias á casa. Ao abrir uma caixa, onde se encontrava algo de que precisava, aí descobriu um pergaminho, que pela forma lhe pareceu uma bula.

Admirada e sem saber o que fosse, enviou ao franciscano Fr. Garcia Quijada, bispo de Cadix, para que o lesse e verificasse o que no mesmo se continha. Lendo o pergaminho, o bom religioso logo reconheceu que era a bula da Ordem, que todos consideravam irremediavelmente perdida no naufragio.

Este encontro maravilhoso da bula de confirmação da Ordem é atribuido ao arcanjo S. Rafael, que, por disposição providencial, teria salvo das aguas e colocado na mencionada caixa o despacho da Sé

Apostolica. Deus, que não costuma conceder favores incompletos e por metade, quis, por mais um novo prodigio, alegrar o coração de sua fiel serva.

Quando este acontecimento singular se tornou publico, grande foi o regozijo da população da catolica e leal cidade de Toledo, que se preparou para celebrar, dignamente, o favor que o céu dispensava á Ordem da Imaculada Conceição.

Madre Beatriz tratou logo de render a Deus ardentes e fervorosas ações de graças pelo beneficio recebido e comunicou á rainha Isabel tudo que se passara acerca da bula.

O bispo de Cadix, comissionado pelo arcebispo de Toledo, depois de verificar o milagre, deu ciencia de tudo ao cabido da cathedral e, de acordo com a rainha, marcou o dia em que se devia realizar uma procissão solene, com o comparecimento dos conegos e beneficiados da cathedral, autoridades locais e da população da cidade.

No dia previamente fixado, realizou-se a grande procissão; o bispo, revestido dos paramentos pontificais, levava a bula numa salva muito rica e foi entoado o *Te Deum laudamus*.

O piedoso cortejo encaminhou-se para a igreja de Santa Fé, onde se achava Madre Beatriz acompanhada de suas filhas. Hou-

ve missa pontifical e, em seguida, o bispo prégou um eloquentissimo sermão sobre o dogma da Imaculada Conceição da Mãe de Deus e sobre a nova Ordem; publicou, oficialmente, o milagre da bula e referiu por estenso o extraordinario acontecimento, com todas as circunstancias, cada uma em particular, chamando a atenção, expressamente, para os sinais e cheiro da agua do mar, que a bula apresentava.

A revelação de todas essas particularidades causou, na cidade, a maior admiração e o maior regozijo, concorrendo para aumentar em todos os fiéis o amor e a devoção á Mãe Imaculada. Todo o povo de Toledo considerou aquele dia como festivo, deixando de lado as obras servís, para entregar-se ás manifestações de sua fé, louvar a Deus e dar-lhe as devidas graças.

No final do sermão, o mesmo bispo marcou a festa da imposição dos habitos e profissão para quinze dias depois da publicação da bula e para essa tocante cerimonia convidou todos os fiéis.

A Ordem da Imaculada Conceição estava canonicamente ereta, recebera a aprovação da Sé Apostolica e podia ser contada entre as suas irmãs e congeneres, que florescem no seio da Igreja.

Enquanto a cidade se entregava ao bulicio e ás occupações costumeiras, no velho

palacio de Galiana, as monjas da Imaculada se preparavam para o grande dia em que, pelos votos religiosos, se consagrariam para sempre ao Divino Esposo das almas. Mais que todas, Beatriz, ao mesmo tempo que tomava as providencias materiaes necessarias ao bem do mosteiro, considerava os votos que devia fazer a Deus, suplicando que se apressasse o dia e já chegasse a hora feliz de sacrificar-se e imolar-se á Majestade Suprema, abraçando a vida religiosa e a clausura, debaixo da regra que o Papa havia aprovado e que o proprio Deus se dignara de preservar e distinguir por meio de milagres potentes e singulares.

XIII

Feliz transito

Cinco dias depois das grandes festas da proclamação da bula pontificia, que confirmava a Ordem, estando a serva de Deus em longa e fervorosa oração, appareceu-lhe a Virgem Maria e lhe disse: *“Filha, de hoje a dez dias hás de vir comigo, que não é vontade de meu Filho, nem minha, que gozes, na terra, daquilo que tens desejado”*.

E Beatriz, que não tinha outra vontade e outro querer que não fosse fazer a vontade do Eterno, recebeu esta nova com perfeita conformidade, como é proprio de quem se entrega, inteiramente, ás mãos da Providencia. E não admira que assim fosse, pois a alma de Beatriz estava em constante união com Deus e podia repetir aquellas palavras do apostolo S. Paulo: *“Vivo eu, mas não eu, que é Cristo quem vive em mim”*.

O pensamento da morte, que aflige e contrista o pecador, consola e fortalece o justo. O pecador se arreceia do momento tremendo, em que deverá dizer adeus aos bens transitorios desta terra, separar-se dos prazeres naturais, por isso, só forçado da lei imutavel, abandona este mundo. Mas o justo e temente a Deus, que olha esta vida como um tempo de expiação e de prova, que comprehende a falencia das coisas temporais e só espera a felicidade na outra vida — o justo alegra-se quando sente aproximar-se o termino de seu exilio e avizinhar-se a hora em que deverá receber o *premio que Deus preparou para os seus escolhidos.*

De animo resolute e de conciencia tranquila, mandou a serva de Deus chamar o seu confessor, comunicou-lhe a visão que tivera e, em seguida, tratou das coisas de sua alma e dos negocios do convento com a maior atenção e cuidado.

No dia seguinte, caiu enferma e sentindo agravar-se a enfermidade, pediu o santo viatico, que recebeu com transportes de amor, como era de esperar da parte de quem consagrara a vida inteira á gloria de Deus, proveito do proximo e bem da propria alma. E para que não saisse deste mundo sem abraçar o estado religioso, pediu o habito e o véu de sua Ordem, e, de-

pois de os receber, fez profissão, de modo que foi ela a primeira religiosa e fundadora das monjas da Imaculada Conceição.

Quando percebeu que a hora da partida se aproximava, em plena lucidez de espirito, cheia de celeste alegria, pediu que lhe ministrassem a extrema-unção.

Para ser ungida foi necessario levantar o véu, que, para de ninguem ser vista, trazia sempre, cobrindo-lhe o rosto. Nesse momento a face da Bem-aventurada Beatriz appareceu tão resplandecente, que os circunstantes ficaram surpreendidos e, cheios de respeitosa admiração, viram fixar-se em sua frente uma estrela de ouro, que brilhava como a lua; este fato admiravel durou até que a serva de Deus expirou.

Este prodigio foi testemunhado pelas freiras do convento, pelos religiosos franciscanos e por muitas pessoas, que, como a consideravam uma santa, vieram assistir sua morte.

Ao terminar o prazo de dez dias, marcados por Maria Santissima na supra-mencionada aparição, quando se devia realizar a festa da tomada de habitos e véus, Beatriz deixou esta vida mortal, para receber no céu a corôa da gloria e o premio de seus trabalhos, sofrimentos e penitencias.

A Bem-aventurada Beatriz passou desta vida para a eternidade aos sessenta e seis anos de idade, no dia 16 de Agosto de 1490.

Indizível foi o sentimento e o pesar das suas filhas espirituais, que se viram privadas do auxilio e da assistencia de tão insigne mestra e mãe; convencidas, porém, de que tudo era vontade de Deus Nosso Senhor, aceitaram, conformadas, este golpe da divina misericordia, esperando que a fundadora da nova Ordem continuasse a protegê-las e ajudá-las do alto dos céus, como sempre o fizera nesta terra do exilio.

Diz a Escritura Sagrada que a *morte dos justos é preciosa diante de Deus*; si considerarmos, atentamente, as circunstancias da morte da B. M. Beatriz, verificaremos que foi uma morte preciosa aos olhos do Senhor.

XIV

Singular aparição

Apenas exalou o ultimo suspiro, a Bem-aventurada Madre Beatriz appareceu, em Guadalajara, a Fr. João de Tolosa, custodio da Ordem de s. Francisco, em Castella, a quem prometera, em vida, que havia de vê-la, um dia, sem o véu, que sempre lhe encobria o rosto. Esta predição da serva de Deus nos faz crêr que lhe fôra revelado o que havia de acontecer ás suas filhas espirituais, após a sua morte.

Nesta aparição, disse a Fr. João estas poucas palavras: *“Venho cumprir-vos a promessa de que me verieis antes de largar esta terra; acabo de deixar o meu corpo, mas ide vós mui depressa á minha casa, que está prestes a desfazer-se”*.

O bom religioso, apenas recebeu este singular e estranho aviso, apressou-se em atender ao pedido e, chegando ao convento, verificou ser verdade o que Beatriz lhe havia dito. Vejamos o que succedera. Logo depois



Convento da Ajuda, no Rio de Janeiro

da morte da fundadora da Ordem da Imaculada Conceição, as monjas de s. Domingos decidiram levar para o seu convento não só as doze jovens que se achavam em Santa Fé, mas também o corpo da digna fundadora, que tantos anos vivera em s. Domingos El Real. Mais ainda. Auxiliadas por alguns religiosos dominicanos, começaram a empregar meios e a fazer diligencias para que ficasse sem efeito o instituto da Imaculada Conceição.

Mais uma vez, encontramos os filhos de s. Francisco de Assis envolvidos nos negocios da Ordem, que Beatriz fundara.

Os franciscanos, que haviam assistido, dado o habito, o véu e os ultimos sacramentos á serva de Deus, não permitiram que os despojos mortais de Beatriz fossem levados para s. Domingos e determinaram que fossem os mesmos sepultados, solenemente, em Santa Fé.

As freiras de s. Domingos insistiram em levar para seu convento as doze jovens, que de lá haviam saído em companhia de Beatriz.

Fr. João de Tolosa, que entremettes tinha chegado, julgou que não era justa tal pretensão e fez que as dominicanas desistissem daquele proposito e deixassem em liberdade as donzelas, que, oito dias depois, tomaram habito e véu e escolheram para

o cargo de abadessa D. Filipa da Silva, sobrinha da fundadora.

A partir desse dia, o convento de Santa Fé passou a ser denominado da Conceição.

Estes acontecimentos e provações, que á primeira vista nos parecem estranhos, principalmente quando se trata do inicio de uma obra de Deus, foram anunciados á Bem-aventurada Beatriz, em uma visão, da qual, antes de morrer, deu ela ciencia ás suas filhas, para que não desfalecessem em meio das tribulações.

Certa noite, ao entrar no côro, como tinha por costume, para recitar matinas, viu que a lampada do santissimo Sacramento estava apagada e logo observou que por si mesma se acendera. Refletindo sobre o que acabava de ver, ouviu uma voz que, em tom moderado, lhe disse: *“Como o que viste, há de ser da tua Ordem, que por causa de tua morte será desfeita; mas, assim como a Igreja de Deus foi perseguida no principio e depois floresceu e foi muito engrandecida, assim tambem a tua Ordem florescerá e se estenderá por todos os países do mundo, embora, no principio, seja perseguida por amigos e inimigos e nela haja tantas desordens que chegue a ponto de ser destruida”*.

Esta predição cumpriu-se á risca, segundo veremos dentro em breve. Se os embarços foram grandes, não menores foram as

graças extraordinarias e os socorros do céu. Deus, que se dignara de ilustrar com milagres o inicio desta obra e que prometera á sua serva serenar as tempestades e afastar as nuvens tormentosas, não tardou em aplainar as dificuldades e frustrar os planos do infernal inimigo.

XV

Começos difíceis

Pouco tempo depois da fundação, quando a Ordem estava consolidada, as monjas da Imaculada Conceição trataram de subtrair-se á obediencia do prelado diocesano (conforme prescrevia a bula de confirmação), para ficarem sujeitas á Ordem de s. Francisco. O já mencionado Fr. João de Tolosa as auxiliava e apoiava nesse particular, apesar de haver desinteligencias a esse respeito entre as proprias religiosas.

Outro acontecimento, que então se verificou, veio agravar ainda mais uma situação já de si delicada.

Naquela época, por concessão do Santo Padre e a pedido da rainha, Fr. Francisco de Cisneros, provincial dos franciscanos, era tambem reformador das ordens religiosas existentes no reino de Castela.

A rainha D. Isabel, a Catolica, julgou de bom alvitre fundir, em uma unica comunidade, as monjas da Imaculada Conceição

e as religiosas do convento de s. Pedro das Donas, julgando que assim fosse mais proveitoso ao instituto religioso nascente.

Por breve e concessão especial do Papa Alexandre VI, expedido no ano de 1494, as freiras de s. Pedro, que eram reformadas, deviam abandonar o habito da Ordem de s. Bento e tomar o de Nossa Senhora da Conceição; a abadessa de s. Pedro devia renunciar o cargo e as demais religiosas deviam submeter-se ao mesmo genero de vida, que levavam as religiosas do convento da Conceição. Por vontade da soberana, as concepcionistas apartavam-se da regra cisterciense, que até então vinham observando, e submeteram-se á regra das religiosas de sta. Clara. A marquesa de s. Pedro renunciou o seu cargo nas mãos de D. Filipa da Silva, que ficou como superiora dos dois conventos reunidos.

O inimigo infernal tirou partido da situação, procurando semear a sisania entre os espiritos, a tal ponto chegaram as coisas que, por três vezes, a comunidade esteve prestes a dissolver-se, ficando nela mui poucas freiras. O motivo de tantas perturbações foi Madre Filipa da Silva querer governar o mosteiro de acordo com a regra e os ensinamentos de sua falecida tia, Madre Beatriz.

As monjas de s. Pedro não queriam sujeitar-se ás da Conceição, alegando que não deviam ser governadas pelas que eram de um instituto mais novo do que o seu e declararam ainda que, se a abadessa de s. Pedro dera o seu consentimento, elas não haviam dado o seu. A tal ponto chegaram as coisas que Madre Filipa resolveu abandonar o convento, levando consigo algumas freiras, que desejaram acompanhá-la. Pretendia transportar-se para Portugal e lá fundar um convento. Quis levar consigo o corpo da fundadora da Ordem, Madre Beatriz, mas, em vista das dificuldades que surgiram, deixou-o em deposito no convento das dominicanas da Madre de Deus, onde estavam duas primas suas, que eram, respectivamente, priora e sub-priora.

Outros, porém, eram os designios da Providencia. D. Filipa e suas companheiras não encontravam pouso conveniente e foram obrigadas a regressar a Toledo.

Cada vez mais se agravava a situação interna da comunidade e o bispo resolveu dissolver a nova Ordem da Conceição. Antes, porém, de tomar uma decisão ultima, certamente inspirado por Deus, o arcebispo resolveu ir falar, pessoalmente, ás religiosas, exortando-as, paternalmente, a que voltassem a melhores sentimentos, restabelessem a paz e a ordem, para que assim se

evitassem os inconvenientes da supressão definitiva da Ordem. A graça divina fez sentir seus maravilhosos efeitos e, movidas pela palavra caridosa do arcebispo, as religiosas resolveram pôr termo ás dissensões intimas, para viverem como verdadeiras esposas de Nosso Senhor Jesus e filhas devotadas da Virgem Maria.

Começou para a Ordem da Imaculada Conceição uma epoca de prosperidade.

XVI

Flores e frutos

No ano de 1501 realizou-se, em Ciudad Real, o capitulo da Custodia, no qual ficou estabelecido que as monjas da Imaculada Conceição, até então instaladas no convento de s. Pedro das Donas, com pouca comodidade, se passassem para o de s. Francisco, que tomou o nome de Convento da Imaculada Conceição.

Dentro em pouco a nova instituição religiosa começou a revestir-se de fragrantas flores de virtudes cristãs e a produzir frutos opimos de perfeição e não poucas almas generosas e sedentas do amor divino procuraram tomar o habito da nova Ordem, onde se consagrassem, sob a proteção da Virgem Mãe, ao serviço de Jesus Cristo.

Crescendo o numero das religiosas, entre as quais havia muitas pertencentes ás mais nobres e ilustres familias das Espanhas, trataram elas de redigir uma regra parti-

cular, debaixo da qual vivessem sem dependencia de qualquer outra.

Organizada a regra, enviaram-na ao Sumo Pontifice Julio II, para que ele se dignasse conceder-lhe a necessaria approvação. Efetivamente, depois de a examinar, o Papa a aprovou, em 1511, no ano oitavo de seu pontificado.

Desde então tornou-se plena realidade um dos mais ardentes desejos da Bem-aventurada Madre Beatriz: a Ordem da Imaculada Conceição teve uma regra propria, que, ainda hoje, se observa em todos os conventos, salvo concessões apostolicas especiais, feitas a algumas casas.

O Sumo Pontifice Inocencio XII determinou que as religiosas ficassem sujeitas aos respectivos bispos diocesanos e pudessem usar do escapulario azul em vez do branco. Durante algum tempo as concepcionistas estiveram sujeitas á Ordem seráfica, mas, atualmente, por disposição e determinação da Santa Sé, os mosteiros dependem dos prelados diocesanos e são independentes uns dos outros, e as religiosas ficaram isentas de qualquer obrigação que houvessem contraído para com as Ordens de Cister e de santa Clara.

No correr dos tempos, a Ordem da Imaculada Conceição tem recebido da Santa Sé numerosos favores e privilegios.

Alexandre VI, á semelhança de varios de seus antecessores, concedeu-lhe muitas indulgencias.

Leão X, que foi muito dedicado á Ordem da Conceição, outorgou-lhe varios privilegios, em 22 de maio de 1517. O original desse documento foi arquivado em Toledo. Outro breve do mesmo Papa, em 10 de fevereiro de 1520, estendeu ás religiosas da Conceição os privilegios, concessões, prerrogativas, imunidades, liberdades, exceções, favores, graças e indultos temporais e espirituais já concedidos e que de futuro possam ser concedidos aos religiosos de s. Francisco, ás freiras de santa Clara e aos terciarios franciscanos.

Depois que entraram na posse pacifica do mosteiro de s. Francisco, as concepcionistas trataram de possuir os despojos mortais da fundadora, que, segundo já vimos, estavam depositados no convento da Mãe de Deus.

Um breve pontificio determinou que as religiosas dominicanas entregassem o corpo da Bem-aventurada Madre Beatriz ás suas filhas espirituais e continuadoras da obra, que a mesma fundara. Nesse tempo, era abadessa do convento da Conceição D. Catarina Calderon e vigaria D. Joana de s. Miguel, ambas companheiras da insigne fundadora.

De posse deste sagrado deposito, collocam-no no vão debaixo do altar em que estava a imagem de sant'Ana, cumprindo-se o desejo expresso de M. Beatriz de que sobre seu tumulo se collocasse uma imagem desta santa. Isto aconteceu em janeiro de 1512.

Um seculo mais tarde, em 10 de fevereiro de 1618, os despojos mortais da Bem-aventurada Beatriz foram trasladados para um local mais conveniente, em frente á grade do grande côro de baixo, onde até ao presente se conservam, encerrados numa urna de prata, revestida por uma arca de madeira entalhada e dourada.

XVII

Perene holocausto

Entre os varios sacrificios oferecidos a Deus, segundo o Antigo Testamento, havia os holocaustos, nos quais as vitimas eram inteiramente consumidas em honra do Eterno. Eram as mais perfeitas e completas oblações, que os filhos do povo eleito apresentavam ao Senhor dos exercitos.

A Nova Aliança tem tambem os seus sacrificios e os seus holocaustos, entre os quais, em primeiro lugar, citamos o augusto sacrificio da missa, reprodução incruenta do sacrificio supremo do Calvario.

Há tambem sacrificios individuais e particulares, que as almas fiéis oferecem a Deus e a vida religiosa conta-se como verdadeiro holocausto, que a generosidade humana faz ao Senhor.

A vida das concepcionistas da Bem-aventurada Madre Beatriz é um verdadeiro e perfeito holocausto, que sobe da terra aos

céus e se transforma em copiosas bênçãos e graças sobrenaturais.

A Ordem da Imaculada Conceição é, essencialmente, contemplativa e consagrada aos exercicios da oração e da penitencia.

A clausura dos mosteiros é rigorosa — clausura papal — conforme a regra determina e prescreve: "*Elas (as religiosas) não devem desejar ser vistas senão pelo seu esposo Jesus Cristo*".

Filiadas á Ordem de s. Francisco, devem as concepcionistas trabalhar por imitar e adquirir as virtudes do serafico Patriarca, principalmente a simplicidade, o espirito de humildade e a pobreza. As candidatas á Ordem da Conceição, após seis meses de postulado e um ano de noviciado, fazem votos simples por tres anos, depois dos quais se realiza a profissão solene, que por sua natureza é perpetua.

Os domingos e dias santos são empregados, particularmente, nos exercicios do côro e em visitas ao santissimo Sacramento. Os dias da semana são repartidos entre a oração e os trabalhos manuais, embora o officio divino e a meditação constituam a principal obrigação destas religiosas.

A vida de imolação continua das concepcionistas é um perene holocausto oferecido a Deus, pelas necessidades da Santa Igreja e conversão dos pobres pecadores. Do

mesmo modo que, outróra, Moisés, de braços abertos, no cimo do monte, atraía a proteção divina para os combatentes de Israel, assim também a prece constante e fervorosa das filhas da Imaculada Conceição obtém dos céus a perseverança para os bons e a conversão e o arrependimento para os pecadores.

As religiosas dividem-se em irmãs do côro ou coristas e irmãs conversas ou leigas; as primeiras, como seu nome indica, aplicam-se, principalmente, ao serviço divino, isto é, ao ofício; as ultimas dedicam-se, mais particularmente, aos trabalhos domésticos. A vida é comum a todas; as constituições particulares de cada convento estatuem os deveres das coristas e das conversas.

A Bem-aventurada Beatriz deu ás suas companheiras um habito especial, que consistia em uma tunica branca e um escapulario da mesma côr, um manto azul, semelhante ao manto com que Maria santissima lhe havia aparecido.

As concepcionistas cingem-se com um cordão ou cingulo de linho, como o fazem os Frades Menores, usam um toucado de linho branco e véu preto e trazem pendente do pescoço, sobre o escapulario, uma medalha da Virgem Santissima.

Retiro e vida oculta, na imitação das virtudes excelsas da Mãe de Deus, para o

bem das almas — eis o alvo que miram, incessantemente, essas almas, que se votaram em holocausto constante, até ao fim da vida, no fito de atraírem sobre os pobres pecadores as graças eficazes de salutar conversão.

Vocação tão grande e tão sublime, mas também tão cheia de sacrificios e de imolações, só a compreendem espiritos iluminados pela graça, inspirados pelo amor de Deus e alentados pelas esperanças eternas das promessas de Jesus Cristo aos seus servos mais fiéis.

A Ordem da Imaculada Conceição achase difundida pelas diversas nações catholicas; na Espanha seus mosteiros são bastante numerosos; na Belgica contam-se três abadias; na America Espanhola há diversos conventos de conceptionistas.

Em Portugal, houve dois; o da Luz, em Lisboa, e o de Nossa Senhora da Penha de França, na cidade de Braga; há anos, ambos se extinguíram.

No Brasil, em nossos dias, há quatro mosteiros da Ordem da Imaculada Conceição: o da Ajuda, no Rio de Janeiro; o da Luz, na cidade de S. Paulo; o de Macaúbas, em Minas; e o de Sorocaba, no inte-

rior do Estado de S. Paulo. O convento da Ajuda foi fundado no meado do seculo XVIII, sendo bispo desta cidade D. Fr. Antonio do Desterro, da Ordem de s. Bento.

Houve na Baía, o convento de Nossa Senhora da Lapa, ora extinto. Nessa casa viveu e professou a celebre Madre Joana Angelica, que foi assassinada pelas baionetas dos soldados indisciplinados e revoltos do general Madeira, quando da guerra da Independencia do Brasil. O nome dessa heroína da religião e da patria, martir do amor de Deus e de sua terra natal, está inscrito nas aureas paginas da nossa historia, como verdadeiro padrão de gloria da mulher brasileira.

XVIII

Culto imemorial

O culto publico e ecclesiastico tributado á Bem-aventurada Madre Beatriz da Silva e Menezes data de tempo imemoravel.

A innocencia de sua vida, a constancia na pratica da virtude, os privilegios e os acontecimentos extraordinarios verificados durante sua longa existencia e, particularmente, na hora de seu precioso transitio, os milagres e as graças alcançadas pela intercessão desta serva de Deus conquistaram-lhe o culto fervoroso e a piedade agradecida dos catholicos, que reconheciam e proclamavam o seu valimento junto ao trono do Senhor.

A Igreja, que é tão cautelosa nesses casos, nunca proibiu essas demonstrações publicas do culto prestado á fundadora das monjas da Conceição, pelo contrario, o tolerou e até mesmo autorizou, como se pode ver, em toda a historia da Ordem da Ima-

culada Conceição. Varias vezes, em documentos publicos, os Sumos Pontifices fizeram menção desta instituição religiosa e da sua digna fundadora.

Autores ecclesiasticos ou leigos escreveram os maiores elogios da vida e das virtudes desta serva de Deus, sem que seus escritos fossem censurados e condenados. Numerosas obras de arte, pinturas ou esculturas, foram realizadas em sua honra; expressivas imagens e primorosos quadros, existentes nos varios conventos da Ordem, atestam o culto prestado á insigne fundadora das monjas da Conceição.

Varios milagres lhe são atribuidos e inúmeras ações de graças lhe têm sido tributadas por aqueles que recorreram á sua intercessão junto de Deus.

O primeiro processo ordinario, que se formou em Toledo, para examinar suas virtudes e milagres, foi em 5 de outubro de 1635, e o depoimento de todas as testemunhas foi favoravel á causa.

O cardinal D. Fernando, infante de Espanha e arcebispo de Toledo, atendendo á sollicitação de Fr. Lopez Paez, fez examinar, em 30 de junho de 1638, um milagre de primeira ordem da Madre Beatriz.

A 17 de dezembro de 1660, fez-se nova tentativa, mas nem assim o processo foi avante.

Apesar disso, os martirologios das Ordens de s. Bento, de Cister e de s. Francisco mencionaram o nome de Beatriz precedido do titulo de Beata.

Assim decorreram seculos, até que, em 27 de julho de 1926, a Sagrada Congregação dos Ritos aprovou o culto imemorial e, no dia seguinte, o Santo Padre Pio XI ratificou e confirmou o decreto da beatificação da serva de Deus.

Infra transcrevemos o mencionado decreto da Sagrada Congregação dos Ritos:

“DA ORDEM DOS FRADES MENORES
E MONJAS CONCEPCIONISTAS
DA MESMA ORDEM

O R. P. Antonio Maria Santarelli, Postulador Geral da Ordem dos Frades Menores, expôs humildemente a Nosso Santissimo Padre, o Papa Pio XI, que, por decreto da Sagrada Congregação dos Ritos do dia 28 de julho do corrente ano de 1926, foi confirmado o culto dado desde tempo imemorial á Bem-aventurada Beatriz da Silva, Fundadora das Monjas Franciscanas da Santissima Conceição. Pelo qual, afim de promover mais intensamente a veneração a esta Bem-aventurada, o mesmo Postulador Geral da Ordem dos Frades Menores implorou

com supplicas ao mesmo Santissimo Padre que, tanto em todos os mosteiros da Ordem de Concepcionistas, como nas igrejas da Ordem dos Frades Menores, possam fazer-se Triduos solenes com Missas da mesma Bem-aventurada e Indulgencias Plenaria e Parcial, segundo se costuma pelos recentemente Beatificados. A Sagrada Congregação dos Ritos, pois, em vigor das faculdades a ela especialmente dadas por nosso Santissimo Padre, benignamente concedeu que nos mencionados mosteiros e igrejas possam celebrar-se Triduos solenes em honra da nova Beata Beatriz da Silva, Virgem, com Missas do Comum das Virgens e Indulgencias Plenaria e Parcial na forma costumada da Igreja, que há de ser lucrada pelos fiéis de Cristo, dentro do ano do decreto de Beatificação; observada entretanto a instrução da Sagrada Congregação dos Ritos acrescentada a este Decreto.

Sem que obste nada em contrario.
Dia 11 de agosto de 1926”.

Bibliografia

La Beata Beatriz de Silva — Fr. Rogerio Conde, O. F. M. — Madrid — 1931.

La Bella Prisionera — M. Sor Angela de las Llagas — Valladolid — 1923.

Vida Admiravel e Milagrosa da Beata Beatriz da Silva — Traduzida do castelhano pelo Conde de São Payo — Lisboa — 1929.

Noticia Historica da Ordem da Immaculada Conceição da Mãe de Deus — Antonio Alves Ferreira dos Santos — 1913.

No Vergel Concepcionista — S. Paulo — 1930.

INDICE

Dedicatória	5
Protestação do autor	6
Duas Palavras	7
I. Bem-aventurada Madre Beatriz da Silva....	11
II. Patria e familia da Bem-aventurada Beatriz	16
III. Nas pompas da Côrte	19
IV. A Bela Prisioneira	22
V. Suave Milagre	26
VI. Adeus ao mundo	31
VII. A' sombra do claustro	34
VIII. Sob a ação da graça	38
IX. Vida ativa e contemplativa	42
X. A Fundação da Ordem	46
XI. Estranho mensageiro	52
XII. Maravilhoso encontro	56
XIII. Feliz transitio	60
XIV. Singular aparição	64
XV. Começos difíceis	68
XVI. Flores e frutos	72
XVII. Perene Holocausto	76
XVIII. Culto Imemorial	81
Bibliografia	85

